Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

Especialistas do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU preparam documento voltado a formuladores de políticas públicas, destacando medidas necessárias para proteger o planeta das consequências do aquecimento global

Hora de se adaptar

» PALOMA OLIVETO

Cientistas e especialistas climáticos de 195 países começaram, ontem, a preparação da segunda parte do relatório que serve de base para as conferências do clima das Nações Unidas. Durante duas semanas, os componentes do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) se reúnem por teleconferência para entregar, até 28 de fevereiro, um documento de 40 páginas voltado aos formuladores de políticas públicas.

Na abertura do evento, o secretário-geral da Organização Meteorológica Mundial (OMM), também da ONU, deixou claro que o recado será duro. "Temos dopado a atmosfera. Nosso 'doping' tem sido o uso de combustíveis fósseis, e isso já levou a um aumento de desastres, com suas consequências humanas e econômicas", disse Petteri Taalas. Ele destacou, contudo, que na COP26, realizada no ano passado na Escócia, os alertas sobre o resultado do aquecimento global antropogênico foram ouvidos. "Os impactos das mudanças climáticas já são muito visíveis. Nós os vimos acontecendo no mundo todo. Isso foi entendido pelos chefes de estado em Glasgow. Não havia um único chefe de Estado que questionasse os fatos científicos. A mensagem foi passada e ouvida."

Os documentos do IPCC foram a base do Acordo de Paris, assinado em 2015, na França, e, como lembrou Taalas, estabeleceram uma mudança no nível de ambição das metas de contenção das mudanças climáticas. "O relatório anterior teve um impacto muito alto e isso foi um divisor de águas. Anteriormente, pensávamos que (limitar o aumento da temperatura a) 2°C seria suficiente como uma meta ambiciosa. Mas, depois dele, 1,5° C tornou-se o resultado desejado do trabalho de mitigação do clima para os próximos anos."

Periodicamente, os relatórios são atualizados com novas evidências científicas. Em agosto de 2021, o IPCC divulgou a primeira parte, antecipando para 2030 — uma década antes do previsto — a necessidade de se limitar o aumento de temperatura a 1,5°C até o fim do século, tendo como comparação os níveis pré-industriais. Agora, os especialistas discutem as consequências do aquecimento e as recomendações para enfrentá-las. Para abril, é esperado o restante do documento, que terá como foco as soluções para reduzir as emissões de gases de efeito estufa.

"Esta é a fase final de um processo de revisão rigoroso e meticuloso do relatório de avaliação de impactos, adaptação e vulnerabilidade às mudanças climáticas, construído com base em disciplinas científicas em diversas áreas do conhecimento", explicou Hoesung Lee, presidente do IPCC. "Nas próximas duas semanas, governos e cientistas examinarão o resumo para formuladores de políticas públicas, linha por linha." O trabalho não será fácil. Com referência a mais de 34 mil artigos científicos, o documento tem 5,7 mil comentários tanto de especialistas climáticos quanto de representantes governamentais.

Entre os impactos que serão discutidos no texto, estão a extinção de espécies, o colapso de ecossistemas, as doenças transmitidas pelos mosquitos, as ondas de calor letais, a seca e a redução das colheitas, que já são consequências observáveis concretas do aumento de temperatura mundial. No ano passado, a OMM destacou que 4,5 bilhões de habitantes do planeta sofreram algum grande desastre relacionado ao clima, nas últimas duas décadas. "Este relatório vai fortalecer as evidências científicas sobre a associação entre a perda de biodiversidade e as mudanças climáticas", disse Inger Andersen, diretora-executiva do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma). "Precisamos que nações, cidades, negócios, investidores e que cada ator se empenhe para alcançarmos a meta de 1,5°C."

O relatório, segundo Debra Roberts, um dos copresidentes do IPCC, "não é apenas uma lista de coisas que podem ser feitas, mas também uma avaliação da eficácia e viabilidade das medidas". Contudo, os autores do documento alertam que há limites à adaptação. "Em certas áreas, se as temperaturas ultrapassarem níveis muito elevados, a vida humana não será mais possível. Se em certas zonas costeiras o nível do mar subir mais de 1m, a proteção com diques não será mais possível", disse o climatologista Laurent Bopp, citado pela agência France Presse.

Giff JOHNSON / AFP



Inundação nas Ilhas Marshall, Pacífico: 4,5 bilhões de habitantes da Terra já foram atingidos por alterações no clima

FABRICE COFFRINI



Petteri Taalas, da OMM: "Planeta dopado com combustível"

RAUL ARBOLEDA



O Rio Amazonas, no Brasil, foi incluído no estudo inédito

Indústria farmacêutica polui rios

Um estudo global analisando a presença de produtos farmacêuticos em rios de todo o mundo encontrou concentrações em níveis potencialmente tóxicos em mais de um quarto dos locais estudados. A pesquisa analisou 258 cursos d'água, incluindo o Amazonas, no Brasil, e o Tâmisa, em Londres, para medir 61 substâncias, como carbamazepina, metformina e cafeína. Os cientistas estudaram formações lacustres da metade de todos os países, sendo que, em 36 dessas nações, nunca havia sido realizada uma análise do tipo.

O estudo faz parte do Projeto de Monitoramento Global de Produtos Farmacêuticos, liderado pela Universidade de York, e é a primeira investigação em escala global de contaminação medicinal no meio ambiente. Entre outras constatações, a pesquisa destaca que: a poluição farmacêutica está contaminando a água em todos os continentes; há fortes correlações entre o status socioeconômico de um país e maior concentração de substâncias do tipo em seus rios; e as atividades mais associadas aos níveis mais elevados de poluentes incluem o despejo de lixo ao longo das margens, infraestrutura inadequada de esgoto e despejo de fossas sépticas residuais usadas pelas indústrias nos rios.

O estudo revelou que um quarto dos locais continha contaminantes (como sulfametoxazol, propranolol, ciprofloxacina e loratadina) em concentrações potencialmente prejudiciais. Embora pesquisas anteriores tenham monitorado ingredientes farmacêuticos ativos (IFAs) em rios, eles ignoraram muitos países, mediram apenas alguns contaminantes selecionados e empregaram diferentes métodos analíticos, afirmam os autores do artigo atual, publicado na revista *Pnas*. Cumulativamente, isso tornou difícil quantificar a escala do problema de uma perspectiva global.

"Sabemos há mais de duas décadas que os produtos farmacêuticos chegam ao ambiente aquático, onde podem afetar a biologia dos organismos vivos", disse John Wilkinson, um dos líderes do projeto. "Mas um dos maiores problemas que enfrentamos ao lidar com essa questão é que não fomos muito representativos no monitoramento desses contaminantes, com quase todos os dados focados em algumas áreas selecionadas na América do Norte, Europa Ocidental e China."

COVID-19

Hormônio associado à gravidade

Os níveis de estrogênio de mulheres acima de 50 anos podem estar ligados ao risco de morrer de covid-19, com taxas mais altas do hormônio aparentemente protetores contra infecções graves, sugere pesquisa publicada na revista *BMJ Open*. Segundo os autores, pode valer a pena explorar o tratamento hormonal suplementar para reduzir a gravidade da infecção em pessoas que já passaram pela menopausa.

Tem sido sugerido que o estrogênio tem um papel no fato de mulheres serem menos infectadas e, quando positivas, apresentarem quadros mais leves que os homens. Para explorar esta questão, os pesquisadores da Universidade de Umea, na Suécia, compararam os efeitos potenciais de aumentar e reduzir as taxas do hormônio na gravidade da doença.

Eles se basearam em dados nacionais da Agência Sueca de Saúde Pública, em estatísticas socioeconômicas e causas de morte. Ao todo, 49.853 mulheres foram diagnosticadas com covid-19 entre 4 de fevereiro e 14 de setembro de 2020 na Suécia, das quais 16.693 tinham entre 50 e 80 anos.

Comparação

A amostra do estudo incluiu 14.685 mulheres no total. Destas, 227 (2%) tinham diagnóstico prévio de câncer de mama e estavam em uso de bloqueadores de estrogênio para reduzir o risco de recorrência, e 2.535 (17%) faziam terapia de reposição hormonal (TRH) para aumentar os níveis do hormônio. Cerca de 11.923 (81%) atuaram como grupo de comparação, pois não estavam em nenhum tratamento do tipo.

A análise de todos os dados mostrou que, em comparação com nenhum tratamento com estrogênio, o risco bruto de morrer de covid-19 era duas vezes maior entre as mulheres em uso de bloqueadores de estrogênio, mas 54% menores entre as da terapia hormonal. Depois de contabilizar fatores potencialmente influentes, como idade, renda anual disponível, escolaridade e condições de saúde coexistentes, as chances de óbito pela doença permaneceram significativamente menores (53%) para as participantes do segundo grupo.

Este é um estudo observacional e, como tal, não pode estabelecer a causa. Mas os pesquisadores concluem: "A pesquisa mostra uma associação entre os níveis de estrogênio e a morte por covid-19. Consequentemente, medicamentos que aumentam os níveis de estrogênio podem ter um papel nos esforços terapêuticos para aliviar a gravidade da infecção em mulheres na pós-menopausa e podem ser estudados em ensaios clínicos randomizados".

Getty Images



Mulher faz autoteste: mais estrógeno, menos risco de morte